

Pt  
D.  
Ru  
P



# O Gaiato

AVENÇA

15 de Fevereiro de 1975 \* Ano XXXI — N.º 807 — Preço 2\$00

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo \* Director: Padre Carlos

## A VERDADE

**N**o capítulo 18 do seu Evangelho, versículo 38, S. João deixa em suspenso uma pergunta de Pilatos: «Que é a verdade?»

Não sabemos se foi Jesus que não respondeu, se foi Pilatos que não cuidou da resposta, «precipitando-se, de novo, ao encontro dos Judeus, para lhes dizer que não achava n'Ele culpa alguma».

Que pena para nós ter-se perdido esta oportunidade de uma definição!

Todavia, Jesus não foi omisso. Se não naquela hora da Paixão, em outra de interrogações dos Seus Discípulos (cap. 14), o Senhor esclarece: «Eu sou a Verdade». Não dá uma definição lógica, mas ontológica. É a partir do ser que se compreenderá. A partir d'Ele-Plenitude, mediante a disponibilidade que haja no Homem para Ela: «Todo aquele que é da

Verdade (que tem no seu ser vazio que se revela em fome de verdade), ouve a Minha voz (vers. 37)». «Ele veio ao mundo, para dar testemunho da Verdade (id.)». E o testemunho é Ele-mesmo, o «Filho único de Deus cheio de graça e de verdade (Jo. 1, 14)», «por Quem a Graça e a Verdade são comunicadas (Jo. 1, 17)».

A verdade, para o Homem, não é, pois, mera qualidade extrínseca, mas carácter essencial seu. Tem de começar por ser a verdade de si-mesmo. Em Jesus foi o Homem recriado na justiça e santidade verdadeiras. Só n'Ele o Homem reencontrará a sua integridade. Só n'Ele pode reconstituir a sua verdade — parcela da Verdade que

Cont. na QUARTA página

## O «DOCTRINA» EM FOCO

O «DOCTRINA» já anda nas páginas da Imprensa! Sem nos preocuparmos exaustivamente com as *recensões*, não podemos deixar de recortar uma síntese da opinião de alguns Colegas. Porto: «Os escritos de Pai Américo recomendam-se por si mesmos».

Castelo Branco sublinha em título: «Sempre vivo o Padre Américo».

Portalegre: «Com uma actualidade premente, quer pelo conteúdo desta DOCTRINA, quer pelas situações que denuncia (algumas ainda muito salientes na nossa sociedade) este volume do Padre Américo — que à causa dos Oprimidos deu toda a sua vida — merece leitura e reflexão».

Cont. na QUARTA página

# HABITAÇÃO

## — Problema primeiro

A tomada de posse do Comissário para a renovação urbana da Ribeira-Barredo, a quem compete «ser elo de ligação entre a Autarquia, o Governo e as Populações», é um começo de resposta à pergunta deixada no derradeiro jornal sobre o que está fazendo o Serviço de Apoio Ambulatório Local.

Recordamos que o S.A.A.L. se destina a um trabalho de apoio às autarquias para assistência técnica a iniciativas de populações mal alojadas em ordem à solução do problema habitacional.

Este apoio abrange os seguintes aspectos: problemas de solo, projecto, assistência na construção e na gestão social dos empreendimentos.

No próprio despacho criador deste Serviço se frisava que, dada «a insuficiência de recursos e a falta de experiência em operações deste tipo, o S.A.A.L. seja prudente na selecção das iniciativas

nesta primeira fase, particularmente quanto à avaliação da viabilidade urbanística da consolidação-reconstrução dos bairros».

Ora no caso do Barredo há estudos feitos. Na própria reu-

nião que, a seguir à posse citada, juntou o Secretário de Estado da Habitação com representantes do S.A.A.L. e dos Bairros Camarários e Técnicos para dar andamento ao processo de renovação da zona ribei-

rinha, encetou-se o trabalho sobre algo de concreto: um plano do arquitecto Távoa. Creio que há outros estudos, ao menos apontamentos realizados por alunos de arquitectura e expostos, há anos, como tra-

balho do ano. Que não se insista pois em novos estudos, na busca do óptimo, que acaba por nunca se realizar. Os elementos de trabalho que há, discutidos, aperfeiçoados, actualizados, poderão servir uma acção imediata, que se traduzirá não somente em benefício daquela população, mas de muitas outras que irão acreditar na eficácia do S.A.A.L. e hão-de dar mãos ao trabalho com entusiasmo. Do êxito desta operação-piloto, depende o crédito do S.A.A.L. e a generalização do processo a muitas outras frentes carregadas de urgências. Que «velhos do Restelo» não quebrem ímpeto, nem críticas de pormenor roubem energias.

O próprio Comissário empessado pôs o dedo nesta ferida: «O Barredo, apesar de muitos inqueritos, de umas quantas demolições, de uns quantos estudos, continuou a ser o mesmo Barredo, um mesmo problema que, apesar de arranhar as consciências, ano após ano, vê a sua degradação sistemática agravar-se». A resolução do problema «exige um esforço que tem de ser colectivo, de todos nós, mas que não mais se lhe pode negar, sob pena de perante promessas que se tornam panaceia e adiantamentos que enraizam a descrença, se vir a gerar um legítimo clima de agitação que ninguém ousará contestar».

O Secretário de Estado da Habitação, por sua vez, recordando o espírito que dá vida ao S.A.A.L., sublinhou

Cont. na QUARTA página



«O leito é uma enxerga. Por quarto, o patamar da escada. Comer, é o que lhe dão. Quantos anos de martírio que o Pai Celeste conhece!» No Barredo é assim...



# PELAS CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**SEMPRE AQUELE...** — Vindo de muito longe para a Casa do Gaiato ele foi criado como um filho para ser nosso irmão.

Desde muito cedo que depositaram nele confiança, em responsabilidades de chefia.

Se nem sempre foi perfeito, foi um exemplo. E o seu bem-querer aumentava a estimação de todos.

Mais tarde foi chefe maiorial em nossa Casa do Tojal.

Passou assim o tempo querendo passar despercebido, mas o seu nome tinha ficado... o seu modo de ser e agir, naturalmente estava gravado nos corações. Não havia tendências para ele cair no esquecimento ainda que fosse de um só.

Mais tarde casou, sendo Paço de Sousa o lugar apropriado para o seu futuro assim como também para a santa celebração.

Hoje é um obreiro como os outros. Um trabalhador incansável.

Na condução, na alfaiataria, nos galinheiros e no desporto, ele faz muito.

Na condução transporta todos os recados e outros trabalhos. Está sempre disponível para levar todo o rapaz que necessite de ir à terra, ou mesmo a um hospital.

Na alfaiataria cose e passa a roupa a ferro.

Nos galinheiros ordena... trata... e toma conta.

No desporto ensina, corrige, dirigindo o nosso futebol. Ele cuida dos nossos equipamentos.

Quando é já noite e tarde regressa ao seu lar, ainda tem tempo de ocupar as suas mãos no amor dos filhos e esposa.

Como é tão bom ver diariamente o nosso obreiro neste vai-vem quase sem horas certas!

**PAZ, AMOR, ALEGRIA** — Através das palavras transcritas o jovem sente e sonha... desejando-as em realidades humanas.

Quem não pensa construir um lar, uma família rodeada de muitos ou poucos filhos? É o mais belo dos maravilhosos dias da história da humanidade.

Todo o casal pretende ser feliz. Uns com grandes casas, outros com pequenas e inconfortáveis.

Uns com automóvel para os fins-de-semana e para o trabalho. Outros mais pobres não o têm. Uma televisão no quarto e outra na sala. Mas os que são pobres não a têm. Mobiliários e carpetes de luxo, enquanto outros mais pobres se contentam com caixas de madeira para serem as suas roupas.

Quem serão os mais felizes — os pobres ou os ricos?

Há casais ricos que por qualquer coisinha se zangam e nunca mais se entendem. E há casais pobres que com a sua pequenez levam a vida com um sorriso. Então porque não todos os esposos serem felizes, contentando-se com o que têm?!

Todo o homem anseia ser amado para amar e o amor é a coisa mais maravilhosa de todas as coisas existentes na Natureza.

Preparados para a paz, para o amor e alegria, é bom que aprendamos primeiramente a amar-nos uns aos outros, porque o amor é o maior exemplo na educação.

Desejo a todos os esposos harmonia. Sim; harmonia, que é o melhor caminho da paz, do amor e da alegria.

Manuel Amândio

**A ESPERA DE RECEPÇÃO** — Depois de sair num dos últimos números de «O Gaiato», um dos muitos trabalhos-práticos — feito em linólio — pela nossa turma que frequenta as aulas de Estética gráfica, tivemos mais uma ideia oportuna, aliás, excitada pelo nosso amigo Esteta, de publicarmos, dentro do possível, uma colecção de postais-literários, com a respectiva ilustração.

Já imprimimos alguns exemplares e, depois de distribuímos alguns pela malta, os restantes e futuros — se a cúpula estiver de acordo — poderemos lançá-los no mercado...

Contudo, ficamos na certeza de que, se os tentarmos lançar através dos nossos leitores, o resultado seria com certeza melhor... Imprimiríamos os exemplares precisos e seriam expedidos pelo correio aos requisitantes. Esperamos recepção da vossa parte. O custo é convosco...

Tinoco

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**RECEBEMOS** — Os problemas que solucionamos — ou procuramos solucionar — têm logo imediata ressonância dos nossos Leitores. Graças a Deus!

Há deles que não esquecem a alimentação de um pobre velho, por 750\$00 mensais. Outros, vão suprimindo a mercearia, etc. de uma jovem família, cujo chefe está na tropa. Outros, ainda, não estabelecem fins específicos; sabem da complexa acção vicentina junto dos Pobres. Não falando, já, dos que partilham com a Auto-construção e cujas *massas* não chegam a aquecer as mãos do tesoureiro; se temos, inclusivé, de solicitar fundos ao Património dos Pobres... Agora, por exemplo, há três heróicos Auto-construtores à espera do «pequeno auxílio».

Aí vão quantos marcaram presença:

Da rua Costa e Almeida, Porto, 40\$. Guimarães, 200\$00. Entroncamento, uma remessa muito delicada. Assinante 24845, 400\$00 para a «*família jovem e viúva doente*». Alhandra, 20\$00 «*para o Pobre mais pobre*» e «*prometo, sempre que eu e as minhas três pequenas tivermos trabalho*». Ó promessa! Outra remessa, oportuna, da rua Bombeiros Portugueses — Faro. A presença habitual de *Uma Assinante* do Seixal: «*Com toda a amizade fraterna, 700\$00 (deram-me 100\$00 para mandar para aí) para os Irmãos da Conferência*». 500\$00 entregues ao nosso Padre Abraão. Celine, com 50\$00 e chegou tudo direitinho. Maria Pelicano, 250\$00. Anó-

nimo do Porto, o dobro «*para os necessitados da Conferência*». Porto — «*Avó Antiga*»: chegou tudo bem e serve perfeitamente. Mais 500\$00 de M. Antonieta para o que «*achamos melhor e mais urgente*». Da assinante 2838, da Alemanha, «*um pouco do meu pouco para os meus Irmãos mais pobres*» — 10 marcos. De Alvide, 360\$00: «*produto dos feriados de 1 de Novembro e 8 de Dezembro*». Finalmente, 50\$00 da assinante 28053, que nos diz: «*perdoai a pequena importância e pedi ao Senhor que me dê paciência para suportar uma cruz bem pesada que me quis dar*».

Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

## SEIXAL

**A CRIANÇA** — A criança que vive com a suspeita, aprende a ser falsa.

A criança que vive com a crítica, aprende a condenar.

Quem gostará de ver tais condições no corpo daquele que é de sua carne? No seu filho?

Qual o dever de um pai ao saber que seu filho tem esta ou aquela má inclinação, hábito ou defeito?

Será castigá-lo severamente? Claro que não! Mas muitos pais não pensam antes de agir; não pensam que

na sua infância ou adolescência, também foram assim; não pensam que o castigo causado hoje pode ser origem no dia de amanhã de algo cruel por parte dos filhos; não pensam que amanhã seus filhos serão adultos e terão de educar seus filhos, também.

É preciso pensar antes de agir, para que não haja abismos.

O que hoje semeares, amanhã colherás.

Se semeares ódio, colherás ódio! Se semeares desgraça, colherás desgraça!

Nunca obrigues teu irmão a comer algo. Ninguém tem autoridade de obrigar seu irmão.

Cristo nunca obrigou ninguém.

Somos livres em tudo: somente temos a «opressão» de respeitarmo-nos.

Queiramos os caminhos de luz e rejeitemos os caminhos das trevas. Sejamos irmãos. Sejamos como Cristo...

Semeia amor porque colherás amor e felicidade.

**O AMOR** — O mundo depende de nós, da nossa bondade, da nossa justiça, de nosso amor...

Dá um pouco de ti a teu irmão. Dá-lhe a conhecer o que lhe é desconhecido e que seja aconselhável à sua idade.

Reparte com os mais ávidos o que tens em abundância. Não queiras o egoísmo.

Sê irmão do teu próximo; daquele que ontem blasfemou contra ti e te dirigiu uma pedra.

Se teu irmão te ofender, sê paciente e perdoa-lhe. Não levantes tua mão em sinal de severidade, mas sim em sinal de paz, familiaridade, amor...

Faz a teu irmão o que desejas que te façam.

Faz bem e não olhes a quem.

Se um teu colega ou superior te bater numa das faces, oferece-lhe a outra. Não te importes de sofrer.

Recorda que Cristo nasceu e morreu por nós. Nunca queiras comparar teus sofrimentos aos de Cristo.

O amor é algo que por vezes nos faz sofrer.

Quantos de nós já viveram grandes ilusões em relação ao ser amado?

Por vezes (e não poucas), o «amor» não passa de um simples fogo de vista que não chega a ser amor, mas sim ilusão de amor.

Depositamos confiança no Ser amado e se não houver verdadeiro amor, harmonia e paz entre ambos, tudo será desfeito com uma simples e dolorosa palavra: *Adeus*.

E quantas vezes esse adeus arrasta centenas de jovens à loucura? E porquê?

Por causa dessa ilusão criada no fogo do amor à primeira vista.

Sê paciente e compreensivo, porque só assim conseguirás fazer deste mundo um Mundo Melhor.

João Maria



## Uma Carta

Ao arrumar a gaveta onde guardamos cartas com interesse, pensando já no próximo número do aniversário de «O Gaiato» que especialmente pertence aos Leitores, dei com esta, de 6-2-74 que, nem por atrasada em nossas mãos, como atrasada saiu das do seu Autor, perdeu o quer que fosse da sua força. Tal encontro soube-me bem, porque traz mensagem feita de inteligência, mais do que de sentimento. Por isso não resisto e ela aí vai já tal qual:

«Estimados e muito admirados amigos.

Esta é a carta que estou para vos enviar há um bom par de meses... E escuso de me desculpar atribuindo culpas ao tempo, à «falta de tempo» — fórmula gasta que mais não é do que desleixo ou falta de interesse.

No entanto, o que é facto, é que o tempo vai passando e com ele a oportunidade, a vez.

Mas hoje, livre já dum exame, eis-me a alinhar algumas considerações sobre o que penso da Obra da Rua e a enviar com sincero afecto o meu aceno de simpatia cordial...

Comecei a conhecer-vos um pouco por dentro em Lourenço Marques, por intermédio do bom padre José Maria e sua família. Isto aqui há três anos atrás. Era então um eventual e apagadíssimo professor do Ciclo Preparatório, circunstância que me permitiu, na companhia de alguns alunos, conhecer a Obra do Infulene. Passei — passámos — lá momentos raros de fraterno e ameno convívio — e todos ficámos mais ricos de cada vez que lá fomos. Os miúdos, esses então nem se fala. Nem queiram saber o alvoroço em que ficavam mal era chegado o dia de visitar os Gaiatos. Jogava-se futebol, andava-se de burro, brincava-se, enfim, em sã camaradagem — de igual para igual, ncte-se, pois era isso fundamentalmente o que eu queria que eles lá procurassem... — e no fim merecia-se (merenda que eles próprios teimavam em levar...) em alegre convívio, na relva, mesmo defronte da casa-mãe de então.

Nesses convívios-reuniões buscava eu fundamentalmente Educação para os «meus» rapazes. Auto-educação, autónoma, livre e espontânea. Sempre pretendia que eles, por seus

próprios meios, se acerrassem das realidades da vida e do amor inteiro, incondicional, que é preciso ter ao semelhante — seja qual for a sua situação social.

E parece-me que não dei o tempo por perdido. Nem eu, nem o P.e José Maria nem os seus rapazes. Como era belo (sobretudo saudável) vê-los transfundir-se uns com os outros. Ambas as partes lucravam, é certo, mas quem era melhor compensado era quem a troco duns miseráveis escudos aprendia a vida. Era eu e os meus alunos quem mais lucravam!

Não curo de saber neste momento por que processos chegais a tais resultados; se são científicos e idóneos. O que me importa mais é que dais uma tremenda lição ao mundo.

Fala-se e refala-se de contestação de estruturas obsoletas e falidas. De acordo. Tudo é preciso — mas que a cabeça mande sempre...

Mas, quanto a mim, assim de repente, parece-me que a melhor contestação é aquela que assenta em factos. Eu explico-me melhor. É que não basta criticar, contestar por moda e um tanto no ar em «espírito de manada». Para mim, os contestadores «verdadeiros» são aqueles que elegeram para forma de crítica a





# VIÚVAS

## SEM COMENTARIOS...

Lemos na Imprensa Diária de 12 de Novembro p. p. e transcrevemos em «O Gaiato» de 7 de Dezembro p. p., um «despacho do Secretário de Estado da Segurança Social, pelo qual passou a ser concedida a pensão de sobrevivência aos familiares de todos os beneficiários falecidos que tenham estado abrangidos pelas Caixas de Previdência, qualquer que seja a data do falecimento.» (O sublinhado é nosso).

Em 4 de Janeiro p. p. repetimos a boa notícia e soltámos um desabafo com este título, que teve certa repercussão no circuito restrito dos nossos leitores.

Entretanto, com data de 15 de Janeiro p. p. recebemos esta carta, de Lisboa:

(...)Queira desculpar importuná-lo mas... tomei a iniciativa de ir à Caixa Nacional de Pensões — Campo Grande — Lisboa, informar-me, em benefício de uma senhora, há anos viúva, que me parece estar nas con-

acção: E tal posição não equivale a demissão comprometedora. De modo nenhum. Bem ao contrário, antes servirá como fundamento (sólido) a qualquer argumentação crítica. Donde o seu maior poder de perfuração contestária. As instituições não respondem já às solicitações hodiernas? Pois, prove-se com actos, que assim é e estou certo que a massa se irá a pouco e pouco educando civicamente, aprendendo que viver é conviver e conviver é participar (com a achega pessoal de cada um).

Não sei se me fiz entender, mas pouco importará se tal não sucedeu. O que importa especialmente neste momento é fazer chegar até vós um abraço de solidariedade humana e um obrigado sentido pela Obra do Padre Américo que continuais erguendo. E esse agradecimento é tanto mais devido quanto mais humanos, fraternos nos sentimos uns dos outros.

Se pudesse mais vos ajudaria.

De momento, creio, sou até vosso devedor... e nisso o que mais revolta é que se fosse no merceiro ou na garagem já teria pago há mais tempo — há a vergonha da conta em aberto e o credor a rondar a porta... E vós, credores que não rondais a porta (talvez porque o dinheiro para vós seja um meio — é um meio) sentis-vos pagos de contas (com anos de existência) com uma simples carta. Perante atitudes deste jaez quem se querará devedor?...

Envio-lhes algum dinheiro por conta do meu «Deve» (que «Haver» em relação a vós jamais terei) e um abraço de saúde e força para a luta — autêntico milagre nos dias que passam — que travais quotidianamente.

Obrigado amigos.»

dições de participar da pensão (de sobrevivência).

Porém, o que lá me disseram é que só tem direito a pensão quem enviou de beneficiário daquela Caixa o qual tenha pelo menos descontado durante cinco anos (o sublinhado é nosso).

Insisti, prevendo que me estivessem a dar resposta a pergunta que não tinha feito pois para o caso habitual de viuvez de contribuinte é evidente que há pensão. Respondeu-me a informadora que me atendeu não haver outro caminho para o que pretendia.

Não estou convencido...

Como se trata de pessoa em muito precárias condições económicas, de 76 anos de idade, a quem uma infeliz recente operação ao único olho válido deixou na cegueira, sem família e, como disse, viúva de antigo funcionário da Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos, venho solicitar-lhe o obséquio de umas linhas, dando-me alguns elementos, sobretudo a data do despacho referido e, se possível, a do «Diário do Governo» que o publica.

Voltar à Caixa sem estes elementos que esclareçam a minha informadora, sem possibilidades de objecção de que há alguma coisa de novo em matéria de Previdência são passos perdidos. É por demais conhecida a burocrática inércia das Caixas...»

Respondemos ao consulente, transcrevendo parte de uma circular-ofício — que destacadamente assinala o despacho ministerial de 4 de Novembro p. p.!! — recebida por familiares de beneficiários falecidos que solicitaram pensão de sobrevivência ao abrigo do referido despacho:

«Se o requerente tiver dúvidas sobre a possibilidade de ter direito à pensão de sobrevivência (recorda-se que só terá direito à mesma se à data do falecimento o beneficiário contar 5 anos de inscrição com 30 meses, pelo menos, com entrada de contribuições) deverá apenas entregar o requerimento e aguardar que a Caixa Nacional de Pensões lhe peça a restante documentação.»

Afinal, em que ficamos, «passou (ou não) a ser concedida pensão de sobrevivência aos familiares de todos os beneficiários falecidos que tenham estado abrangidos pelas Caixas de Previdência, qualquer que seja a data do falecimento?!...»

## «E AS VIÚVAS DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS?»

Outra carta digna de ser publicada:

«Já nos conhecemos de há longos anos. Sou grande admiradora da Casa do Gaiato.

Leio o vosso jornal de ponta a ponta. Nele encontro sempre motivos profundos e sérios para eu poder meditar e refletir.

(...)Na edição de 4 de Janeiro dedicou com muita alegria um artigo às «Viúvas»... Todavia, acontece que o recente despacho apenas favorece os beneficiários da Previdência.

E as viúvas dos Funcionários Públicos, que nunca descontaram para a chamada pensão de sobrevivência?

Quando o meu marido faleceu em 1959, as viúvas apenas recebiam os dias de trabalho desse mês. Se tinham filhos menores, metade era depositado em nome dos menores até à maioridade. No meu caso, com um bebé de 3 meses e outro de dois anos, seriam apenas uns 340\$00 nesse mês, o que desisti logo de receber tal era a burocracia.

Nada recebi nem recebo. Valeu-me a família e um modesto emprego que se conseguiu arranjar, para eu poder angariar o pão para os filhos.

Porque não dá o Estado a mesma pensão para as viúvas dos seus Funcionários? Desculpe. É um desabafo muito doloroso e triste.

Uma vossa admiradora e amiga...»

JULIO MENDES

# Setúbal

O meu Natal foi marcado por grandes contrastes. De um lado pontos luminosos que jamais esquecerei, de outro uma sobrecarga de responsabilidades económicas que dificilmente ultrapassarei no novo ano. O lado negro da vida, por fraqueza pessoal, pesa mais na minha sensibilidade de que o brilho e a beleza de certas atitudes cristãs.

Começo por contar que quatro Rapazes meus me ajudaram com 500\$+500\$+1.000\$+1.000\$, cada um com a sua parcela. Três são casados, trabalhadores e com responsabilidades familiares. O outro está na tropa em Angola onde economiza, sabe Deus com que sacrifício! Neste momento sabe-me extraordinariamente bem comunicar-te este gozo interior que sinto: — Estas ajudas são fruto do fruto!...

Os trabalhadores de algumas empresas também estiveram em foco. Na Secil, como entrou em hábito desde que os operários verificaram com os seus próprios olhos a dureza da nossa vida, organizou-se uma campanha colectiva: Secção de fornos 2.800\$ mais 390\$; Oficina-auto 700\$; Transportes 430\$; Expedição de cimento 1.030\$; Carpintaria 265\$; Oficina mecânica 2.100\$; pedreiras 1.022\$50; Oficina eléctrica 440\$; Laboratórios 480\$; Moagem de pasta 300\$; um engenheiro 1.000\$; um doutor 1.000\$.

Os trabalhadores da Sapec, há muitos Natais que nos ajudam. Este ano 4.000\$. Os da Câmara de Almada mandaram-

# Aqui, Lisboa!

Uma sociedade justa exige respostas rápidas e eficazes a todos os problemas, numa empenhada dinâmica que deve tender sempre a um maior aperfeiçoamento e encarar todas as situações, comuns ou imprevistas, consoante os tempos e as circunstâncias. Sem respeito, porém, do homem pelo homem, tudo será em vão. Como afirmou o Cardeal Lercaro, «a justiça não é vingança, não é ódio, não é paixão; é vontade de ordem e de bem; é exigência de razão; é amor».

Na linha do atrás exposto somos contra todas as prepotências, venham elas donde vierem. A reparação das injustiças não deve fazer-se pela violência ou pela discriminação, substituindo-se os algozes ou os exploradores. Compreendendo, embora, as convulsões de certas

mutações ou variações bruscas, repudiamos como demagógico tudo o que leve ao ódio, à desordem ou ao caos. A exploração do homem pelo seu semelhante, seja em que sentido for, carece de lógica e, consequentemente, de amor.

Muitos dos que gritam contra as desigualdades ou injustiças, é triste dizê-lo, apenas buscam uma inversão de posições, fazendo o menos possível, em muitas circunstâncias, e defraudando, quando não violentando, os que estão ao seu serviço ou na sua dependência, desrespeitando ou sofismando as leis melhor intencionadas, que regulam e defendem os interesses individuais e colectivos.

Por exemplo, é profundamente desolador o que se passa no capítulo da Previdência. Se desejamos com toda a veemência a existência dum sistema social que preveja toda a espécie de questões, a cobrir todas as necessidades ou carências de quem trabalha, na doença, no desemprego, na velhice ou depois da morte, atingindo os ascendentes e descendentes, temos também de repelir toda a série de artimanhas ou de desonestidades de que muitos se servem para usufruir regalias a que não têm direito. Não pode ser e, se aspiramos a maior justiça, é indispensável uma fiscalização rigorosa, a pôr cobro aos oportunismos e aos «golpes» de alguns, que só trazem prejuízo ao conjunto. É que, uma sociedade melhor e mais digna, não se constroi apenas com palavras e reivindicações, mas exige civismo e verdade na conduta de cada um.

Padre Luiz

e a Capela da Quinta das Torres trouxe 3.000\$. Das Cabanas 1.770\$. Uma reformada pobre 40\$. Os Vicentinos 1.092\$50. Dos E. U. A. vinte dolares.

O Clube Radiofónico também trouxe 100 bolos reis, mercearia, louça e roupa usada, bombons e compotas. Como as nossas necessidades têm aumentado estávamos à espera de uma ajuda substancial que não veio.

O Natal foi mais fraco que outros anos. Enquanto para tantos milhares de famílias em Portugal houve mais fartura, para nós, mais pobres, vimos aumentar as dificuldades e diminuir as possibilidades.

Brevemente darei notícia daqueles que ouviram o meu apelo de Novembro para pagar as dívidas. Hoje fico por aqui.

Padre Acílio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Cont. da PRIMEIRA página

lhe compete ser. E a partir do que é, é que tem. Precisa de ser verdade, para ter a Verdade, para estar na Verdade. E o que tem de adquirir para ser, só em Cristo o encontrará.

A Verdade é uma meta do Homem, uma meta irresistível a que nenhum pode furtar-se sem se negar, sem se destruir.

Como se chega lá...? Esta era a inquietação de Tomé:

« — Senhor, como podemos saber o caminho...? »

— Não se perturbe o vosso coração (...) Eu sou o Caminho.»

É por Cristo que se acha em Cristo a Verdade — inteligência da Vida para que todo o homem tem vida.

x x x

No diálogo referido em Jo. 18, 37, a afirmação já citada de Jesus surge como aposto de outra que mais directamente

# A Verdade

responde a uma conclusão de Pilatos: «Tu dizes que sou rei. Para isso (in hoc) nasci e para isso (ad hoc) vim ao mundo, para (ut) dar testemunho da Verdade.»

Jesus estabelece uma relação de serviço entre a Sua missão real e o testemunho da Verdade: a vinda ao mundo na condição nata de rei é instrumento do testemunho da Verdade, objectivo final de que decorrerá todo o necessário à realização temporal e eterna do Homem. Em Cristo «reinar é servir» — servir a Verdade e a Graça com que o Homem se salvará.

Também no Homem assim haverá de ser — no que há a universal concordância dos candidatos à função de governo, em todos os tempos e

lugares. Todos se apresentam como portadores da verdade e se reclamam servidores dela (quando não, mesmo, salvadores dos homens!). Mas que verdade? Uma verdade de artifício e de conveniência, ou a verdade ontológica, procurada a partir da (ex) natureza do Homem, que é para a Verdade e para quem a Verdade é, a qual pelo Filho do Homem, «per Jesum Christum facta est (Jo. 1, 17)?»

Recordo aquela imagem rica, ouvida ao nosso Bispo, irá em 20 anos... «A Verdade é eterna. Os séculos rodam em torno dEla e cada geração vê uma face da realidade infinita que Ela é. Daí, a tentação de tomar a parte pelo todo, de absolutizar aquele aspecto da Verdade.»

Cada geração... E cada ho-

mem de cada vê apenas uma fracção pequenina da face que o seu tempo lhe mostrou. Falta-lhe dimensão e ângulo para visionar essa parcela grandiosa do todo infinito.

Por isso é que nenhum homem é detentor da Verdade. Nem na sua geração, nem ao longo do tempo. A Verdade vai-se adquirindo pelo somatório incessante das vistas de todos os homens que querem ver (e, porque querem, são capazes, são «ex veritate», têm em si um vazio que uma fome irresistível faz encher). Em cada geração e ao longo delas, a voz destes homens vai sendo instrumento do testemunho da Verdade, que é o reinar de Cristo: «Quem os ouve, a Mim ouve.»

Os caminhos da Verdade são plurais e convergem em Cristo, Ele, sim, o Caminho que, uma vez achado, dá a Paz ao coração do homem. Quanto mais um homem O achou e se comprometeu com Ele, tanto mais é verdade e tem a Verdade e está na Verdade. E porque são plurais, os caminhos da Verdade são de Humildade. Recordamos a cada instante a nossa indigência: de natural, de pertença nossa, o mais que temos é um vazio e o melhor uma fome irresistível que nos move a preenchê-lo. Dependem mais da nossa capacidade de ouvir e de aceitar do que da faculdade de pensar. Deus comunica a Verdade por quem quer. Deu-no-lá eminentemente no Seu Verbo, no Seu Filho e «tira-a da boca das criancinhas de leite». Dos orgulhosos, dos auto-suficientes é que não! Por via directa ou até pela do absurdo, pode Deus comunicar-nos a Verdade. É necessário ouvi-lo nas Suas criaturas, mas confrontando o que por elas é dito com os dados certos e definitivos da Sua Revelação. É assim que a Tradição vai ampliando e esclarecendo o Depósito da Verdade. É assim que pode crescer na Verdade o homem que tem fome dEla e a busca mesmo no risco de passos perdidos. Destes não há que temer, ainda que o erro, por vezes, se misture, como é próprio da verdade do Homem. Desta espécie não são os que se fixam na sua verdade, como se tivessem cortado a meta da Verdade. Antes, inquietos da total objectividade, procuram ser verdade para merecer a Verdade e vão avançando por etapas em que o subjectivismo pesa, na certeza humilde e realista de que, aqui e agora, nunca o Homem vê senão «per speculum in aenigmate», sem contudo se demitirem da aspiração ou desanimarem daquela comunhão no «sensus Christi» que os fará convergir para Ele, Caminho único e Verdade absoluta. O «sensus Chris-

ti» — eis a ténpera do ser verdade cada homem, que faz o Homem capaz de «ouvir a voz de Cristo» sem se embaraçar em tantas vozes pelas quais Ele não fala.

Destes não há que temer...! Dos Pilatos, sim. Pilatos não quis ouvir. Lançou a pergunta «Que é a verdade?»... e foi fazer a sua política. Foi dizer: «Não acho culpa alguma neste homem». E lavar as mãos do sangue do Justo.

## O «DOCTRINA» EM FOCO

Cont. da PRIMEIRA página

Dos jornais, passemos aos Leitores-assinantes, da nossa Editorial. Vão só dois, que o material em nossa mesa de trabalho quase daria para quatro páginas!

Lisboa:

«Recebi ontem o «DOCTRINA» que desejo meditar pouco a pouco, para me ajudar a não perder o rumo nesta caminhada de Portugal para um socialismo que Deus permita não perca o rosto humano e não caia em totalitarismos que desprezam a dignidade da liberdade de consciência.»

Como seria bom ouvir hoje o Padre Américo! E talvez não, talvez não seja necessário: necessária foi a sua antecipação, a sua antevisão, a sua revolução evangélica, traduzida numa praxis a favor dos «sem voz» e que incomodou os senhores detentores das vozes. Foi, afinal, um profeta a indicar caminhos.»

Finalmente, de Amarante:

«Sei que vos devo. Não sei quanto nem desde quando.»

Sei que vos devo muito, em dinheiro e simpatia. Quem mandaria mais um livro a quem nem sequer agradece?! Só vós...»

Perdoai e desculpai o meu silêncio...»

No próximo número continuaremos, se Deus quiser.

O correio tem sido aos montes. De tal forma que se optou — e muito bem — servir de imediato as requisições dos esfomeados e reservar para segundo plano a regularização de lançamentos no ficheiro.

Se o leitor não entrou na procissão do «DOCTRINA», ainda está a tempo. Basta apitar. Há muitos livros na estante, às vossas ordens.

Júlio Mendes

## HABITAÇÃO — PROBLEMA PRIMEIRO

Cont. da PRIMEIRA página

a importância dos papéis que, em operações deste teor, cabem às autarquias e às populações: «A mobilização das populações tem sido a condição, o grande factor deste programa em marcha.» «O interesse e participação das populações tem possibilitado a concretização das sucessivas fases de um processo que quer ser essencialmente social, não só pelo respeito do direito das populações a condições dignas de habitação, mas também pelo direito a não se verem desterradas para locais longe do centro da cidade.»

E aflorou ainda outros aspectos: «A recuperação da cidade histórica é assim por razões de carácter social e também por economia de meios. Não nos podemos dar ao luxo de arrasar parques habitacionais; temos de estudar as possibilidades de recuperação, de forma a proporcionar condições dignas de habitação às populações neles instaladas.»

O Barredo, rarefeito, higienizado, adaptado às exigências de vida urbana neste tempo, será para os seus habitantes tradicionais, velho sonho que Pai Américo teve já lá vão trinta anos e foi dizendo em páginas admiráveis enquanto teve vida. «O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas; seus cachorros de granito e varandas de ferro batido; seus largos; seus nichos e alminhas — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim tem de ser escondida!»

Por isso ele deu ao vivo vis-

tas «daquela nossa desgraça», «no intuito de tocar, impressionar e ferir.»

«Quem sabe se, procedendo assim, podemos dar melhores vistas e oferecer outras notícias, quem sabe? (...) Sim, ou-

tro Barredo, com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta.»

Terá chegado a hora deste novo Barredo?!



«Residem em vãos de escadas. Portais. Gateiras. Em tudo se vive (no Barredo) por falta de vivendas.» «Cemitério de Vivos» que Pai Américo, envolto na sua capa, sofreu — e denunciou...!



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa